

O APRISIONAMENTO DA MULHER: UMA COMPARAÇÃO ENTRE “AS CARTAS DE AMOR DE UMA FREIRA PORTUGUESA” E “MEMORIAL DO CONVENTO”¹

Tatiane dos Santos Ramos ARANTES²

Licenciada em Letras-Português – IFSP/Campus São Paulo

RESUMO

Este artigo é fruto das discussões propiciadas pelas aulas de Literatura Portuguesa VII do Curso de Licenciatura em Letras do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo – Campus São Paulo. Intenciona aproximar a auto-representação da escritora barroca portuguesa Soror Mariana Alcoforado, em sua *As cartas de amor de uma freira portuguesa* (doravante *Cartas Portuguesas*), da representação da rainha Dona Maria Ana Josefa, convertida em personagem do romance *Memorial do Convento*, de José Saramago, tratando mais especialmente da opressão, da restrição e da submissão impostas às figuras femininas, tanto pelas personagens masculinas das obras - Bouton e Dom João V, respectivamente, quanto pela sociedade, pelo tempo e pelo espaço que configuram a ambientação das obras. Para isso, nos centraremos nas observações de Prado (2010), Moisés (2013) e Durant (1996).

Palavras-chave: Literatura. Submissão feminina. Opressão. Conventos.

Introdução

Nosso trabalho objetiva demonstrar, comparativamente, alguns aspectos das construções dos conventos como símbolos de aprisionamento de Mariana e de Dona Maria Ana, personagens, respectivamente, das *Cartas Portuguesas*, de Soror Mariana Alcoforado, e do romance *Memorial do Convento*, de José Saramago. Com esse intuito, partimos da premissa de que os espaços do convento, bem como os dogmas prezados pela sociedade da época, podem ter contribuído para levar as duas personagens femininas nas obras à submissão diante das figuras masculinas de Noel Bouton de Chamilly e Dom João V.

Nesse sentido, não podemos desconsiderar o todo das duas narrativas cotejadas.

¹ Colaboradora para o número especial relativo ao projeto de extensão **Literatura de Autoria Feminina**, sob orientação do Professor Charles Borges Casemiro (Edital n. 557/2016).

² Endereço eletrônico: tatiane.dsra92@gmail.com

Assim sendo, resgataremos, a seguir, um pouco do enredo das obras.

As *Cartas Portuguesas*, escritas em Beja por Mariana Alcoforado (1640-1723), formam um total de cinco missivas encaminhadas a Noel Bouton, um conde e oficial militar da França, que participou da Guerra da Restauração (1640-1668), entre Portugal e Espanha, que deu ocasião para o relacionamento afetivo entre Mariana Alcoforado e o militar francês Bouton.

As *Cartas* configuram um apelo desesperado e cíclico de Mariana, pelo retorno do amado, depois que ele regressou para a França. Entre a freira e o amante, todas as *Cartas* ganham, em um tom de devaneio amoroso, ora resignado, ora mais crítico, uma discussão sobre a culpa pelo desencontro e pelo fim do relacionamento. Ora, a própria Mariana se autocondena, por ainda ter esperanças, por confiar no regresso do amado a Portugal e por acreditar na continuidade do relacionamento e das respostas às correspondências por ela enviadas; ora, porém, ela condena o amado, por não se condoer diante do amor e da entrega amorosa que, da parte dela, é sempre total, a despeito da circunstância social que envolvia aquele relacionamento.

Escolhido o culpado ou não, o que fica marcado para os leitores, é o monólogo desesperado de Mariana diante da impossibilidade de “escolhas” a que foi submetida, desde quando foi enviada para o convento. Esta situação figurada nas *Cartas* exemplifica, de modo geral, o posicionamento subalterno de toda mulher do século XVII diante de seus familiares, do homem amado (no sentido de sexo oposto e companheiro de vida) e dos dogmas da igreja – elementos castradores da afirmação da mulher, figurados pela circunscrição espacial do convento.

Já, no *Memorial do Convento*, de José Saramago (1922-2010), publicado em 1982, temos um romance elaborado com a intenção de configurar um memorial não só do convento de Mafra – como espaço de circunscrição e determinação das vidas -, mas também dos responsáveis por construí-lo, desde os planejadores até os realizadores da obra. Para isso, de um lado, o narrador retrata a história do povo marginal de Mafra, representado através do nicho social das personagens Blimunda Jesus “Sete-Luas” e Baltasar Mateus “Sete-Sóis”, representantes da ala “proletária”. De outro lado, vemos a história da nobreza e do alto clero, representados por meio da figuração de Dom João V e Dona Maria Ana Josefa, rei e rainha de Portugal. Entre essas duas alas, surge, não menos marginais que os primeiros, a ala dos intelectuais e artistas, representados pelo

Padre Bartolomeu Lourenço de Gusmão e pela música Doménico Scarlatti, compondo um painel de ampla tensão social.

Numa primeira análise, vemos, portanto, o narrador de Saramago denunciando “os diferentes universos” econômicos, políticos e sociais vividos pelas personagens “pobres e ricas”, porém, se nos deixamos prosseguir numa análise mais acurada, também o vemos denunciar a condição de subalternidade imposta à mulher do século XVIII, independentemente de sua classe social e econômica.

Por ora, todavia, gostaríamos apenas de salientar que o panorama traçado pelas duas obras confirma imagens da condição social subalterna da mulher, imagens que se estenderão na história da formação da imagem da mulher atual, como imperiosas nas relações de gênero.

No caso da personagem Mariana, das *Cartas Portuguesas*, muito jovem (aos onze anos), foi encerrada no Convento de Nossa Senhora da Conceição, em Beja, a princípio, para ficar protegida das guerras da Restauração entre Portugal e Espanha, mas, sobretudo, por conta das disputas familiares entre filhos e filhas, do testamento materno que a nomeava freira, independentemente de sua vocação para desenvolver tal ofício. Aos 25 anos de idade, ela acaba conhecendo Bouton, um militar francês por quem se apaixona e com quem mantém um romance secreto por algum tempo, mesmo no convento.

Com a promessa de voltar para buscar Mariana, Bouton volta para a França, atendendo a um chamado de seus superiores, pelo fato do irmão estar doente, e nunca mais retorna a Portugal. Diante disso, a forma de comunicação que restava ao casal eram as cartas, a princípio, trocadas mutuamente, segundo está registrado nas *Cartas Portuguesas*. O que sobrou, entretanto, passado o tempo, foram apenas os monólogos das *Cartas* e a espera apreensiva de Soror Mariana no “cárcere do convento, do abandono e da distância”.

Já no caso de Dona Maria Ana, a história do convento se dá no tempo da construção do mosteiro de Mafra. Esse enquadramento social, histórico e espacial é apresentado logo no início da narrativa de Saramago. O rei Dom João V mandou levantar um convento em Mafra, a pedido de autoridades eclesiásticas, como “barganha” para que a fé da igreja pudesse contribuir para a gravidez de Dona Maria Ana, a fim de que ela desse à luz um herdeiro para o trono português. Casada já há mais

de 2 anos, a rainha, até então, não havia engravidado. A história, portanto, do herdeiro vinculará Dona Maria à história do convento, aqui, símbolo dos interesses políticos da nobreza e dos dogmas e interesses da Igreja.

Considerações importantes

Há que se considerar ainda, a disparidade entre os momentos literários em que ambas as obras foram produzidas e também o cenário histórico que elas encenam para que se tenha uma compreensão maior da construção histórica da opressão contra a mulher e da construção das simbologias do “convento” nas obras analisadas. Nesse sentido, de um lado, as duas obras se afastam, pois, *As Cartas*, obra do século XVII, representam o movimento Barroco e retratam o próprio século de ouro; o *Memorial*, obra do século XX, representa as tendências Contemporâneas da Narrativa e retrata o século XVIII. Por outro lado, as duas obras se aproximam por representarem relações entre oprimido e opressor, tendo no centro destas relações a imagem de um convento, além de manifestarem ambas, uma imbricação entre realidade e ficção, denotando um aspecto do conceito de metaficção historiográfica, apontado por Linda Hutcheon:

A metaficção historiográfica refuta os métodos naturais, ou de senso comum, para distinguir entre o fato histórico e a ficção. Ela recusa a visão de que apenas a história tem pretensão à verdade, por meio da afirmação que tanto a história como a ficção são discursos, construtos humanos, sistemas de significação, e é a partir dessa identidade que as duas obtêm sua principal pretensão à verdade. (HUTCHEON, 1991, p. 127 citado por FLORES, 2010, p. 51)

Segundo Prado (2010), sobre a protagonista das *Cartas*, a verossimilhança obtida entre a narrativa e a realidade se deve ao fato de que realmente, aos 11 anos, Mariana foi encaminhada para o Convento Nossa Senhora da Conceição, em 1652. Para os costumes da época, sendo de uma família abastada, tal atitude era muito comumente tomada pelos pais, prevenindo-se da divisão de bens para os filhos que se casassem. Quanto a Noel Bouton, sabe-se que fora de fato um oficial militar, bem como Dom João V, que realmente foi rei português, que mandou construir o convento de Mafra e que casou-se com Dona Maria Ana, tendo com ela seis filhos.

Estados de submissão e relação opressora

Tomemos, portanto, o ato opressor como ação (sentimento, estado e valor, conscientes ou não) em favor de alguém que domina e se impõe a outras pessoas. Desse modo, nas *Cartas*, poderíamos ver os reflexos da opressão de Bouton nas atitudes submissas de Mariana, isto é, um estado de alheamento proporcionado pelo protagonismo de Bouton em relação à condição subserviente e amorosa de Mariana, materializada, textualmente, na forma do desencontro do casal, da espera de Mariana e também na naturalização do abandono pelo amado.

Seguem alguns trechos que denotam isso na primeira das cinco cartas analisadas: “Desgraçado!, foste enganado e enganaste-me com falsas esperanças”; “um afastamento tão insuportável que me matará em pouco tempo” e “Mal te vi a minha vida foi tua, e chego a ter prazer em sacrificar-ta” (ALCOFORADO, s.d., p. 10).

Vemos que, mesmo Mariana fazendo considerações acusatórias contra o deliberado ato de abandono do amado, numa atitude de resignação e submissão sentimental, ela se põe à mercê da situação, dispondo-se até mesmo a anular-se, a morrer por Bouton. Sua contrapartida, portanto, da relação opressora que decidiu abandoná-la à revelia, é uma atitude conformista, de serva fiel: “Parece-me, no entanto, que até ao sofrimento, de que és a única causa, **já vou tendo afeição**” (ALCOFORADO, s.d., p. 10, grifo nosso). Uma vez que é freira, deixando-se cair em pecado, assumindo a condição de amante de um militar, Mariana não tem como se eximir da contrariedade de seu “estado submisso diante da relação opressora de abandono”, pois configuram sua atuação não somente nas *Cartas* – ficção – mas também na sociedade – grupo, tempo e espaço históricos.

Segundo Massaud Moisés (2013), sob outro olhar, essa relação paradoxal se dá em função da “típica psicologia feminina” e à:

Própria essência do Barroco: de um lado, o anseio de esquecer definitivamente o perjuro, visto não merecer mais que desprezo e indiferença – é o aspecto racional; de outro, a súplica que nasce do mais fundo de si própria, visceral, para que ele volte ou ao menos escreva, a fim de permanecerem os tormentos agridoces provocados por sua lembrança, ao mesmo tempo desejada e odiada – é o aspecto sentimento e carnal. (MOISÉS, 2013, p. 133)

Restringir, entretanto, o devaneio amoroso de Mariana, à “típica psicologia feminina” seria, nesse sentido, permitir um espelhamento da história cultural machista e sexista da obra na própria crítica literária contemporânea e, portanto, referir-se assim, ao universo feminino como universo sentimentalmente confuso e mais frágil que o universo masculino, no sentido de ser o esperado, por exemplo, que uma mulher após um relacionamento mal acabado quase enlouquecesse por amor seria, sem dúvida, uma representação machista dos gêneros na obra. Desse ponto de vista, seria esperado que o masculino a todo momento tenha um comportamento racional, em oposição ao feminino, de quem seria esperado um comportamento o tempo todo sentimental.

Em *Memorial do Convento*, a atitude submissa da mulher é dada em um tom socialmente mais exacerbado, pois é demarcada fortemente desde o início da narrativa com a inserção de uma figura real que, por natureza, tem a função de mantenedora de um reinado terreno, dando à luz um herdeiro ao trono, mas que não consegue cumprir esse propósito. Essa figura é Dona Maria Ana, que, apesar de casada já há dois anos com Dom João V, ainda não engravidara, e por isso, foi colocada num campo de inutilidade social e política, pois possuía a “madre seca” (SARAMAGO, 2010, p. 11).

A figura masculina, conseqüentemente, não é culpabilizada, conforme lemos no próprio texto: “a esterilidade **não** é mal dos homens, das mulheres sim, por isso são repudiadas tantas vezes, e segundo, material prova, se necessária ela fosse, porque abundam no reino bastardos da semente e ainda agora a procissão vai na praça” (SARAMAGO, 2010, p. 11, grifo nosso). Portanto, tal argumento elencado agiria como justificativa para que os homens pudessem viver em relacionamentos extraconjugais, da forma como se demonstra ao longo da narrativa, na figura de Dom João V em seus casos com freiras e plebeias.

Gerada a culpa, outra forma de submissão de Dona Maria Ana advém na obra dos hábitos religiosos: rezar todas as noites para que pudesse vir a realmente ficar grávida. No entanto, ao mesmo tempo, pode-se perceber que esse ritual quebra momentaneamente a submissão dela em relação ao Dom João V, ficando mais no universo do desejo de extrapolar os próprios valores morais, conforme demonstra-se a seguir:

Ainda que insistentemente tranquilizada pelo confessor, tem D. Maria Ana, nestas ocasiões, grandes escrúpulos de alma.

Retirados el-rei e os camaristas, deitadas já as damas que a servem e lhe protegem o sono, sempre cuida a rainha que seria sua obrigação levantar-se para as últimas orações, **mas, tendo de guardar o choco por conselho dos médicos, contenta-se com murmurá-las infinitamente, passando cada vez mais devagar as contas do rosário, até que adormece no meio duma ave-maria cheia de graça, ao menos com essa foi tudo tão fácil, bendito seja o fruto do vosso ventre, e é no do seu ansiado próprio que está pensando, ao menos um filho, Senhor, ao menos um filho.** Deste involuntário orgulho nunca fez confissão, por ser distante e involuntário, tanto que se fosse chamada a juízo juraria, com verdade, que sempre se dirigira à Virgem e ao ventre que ela teve. **São meandros do inconsciente real, como aqueles outros sonhos que sempre D. Maria Ana tem, vá lá explicá-los, quando el-rei vem ao seu quarto, que é ver-se atravessando o Terreiro do Paço para o lado dos açougues, levantando a saia à frente e patinhando numa lama aguada e pegajosa que cheira ao que cheiram os homens quando descarregam, enquanto o infante D. Francisco, seu cunhado, cujo antigo quarto agora ocupa, alguma assombração lhe ficando, dança em redor dela, empoleirado em andas, como uma cegonha negra. Também deste sonho nunca deu contas ao confessor, e que contas saberia ele dar-lhe por sua vez, sendo, como é, caso omissa no manual da perfeita confissão.** Fique D. Maria Ana em paz, adormecida, invisível sob a montanha de penas, enquanto os percevejos começam a sair das fendas, dos refegos, e se deixam cair do alto dossel, assim tornando mais rápida a viagem. (SARAMAGO, 2010, p. 17, grifos nossos)

Trata-se, pois, neste caso, de simbolizar inclusive os desvios da regra, como subterfúgios masculinos para afirmar a submissão feminina.

Desvios à regra: objetos de subterfúgios

Neste momento, antes de dar continuidade às considerações sobre a compreensão do que são objetos de subterfúgios, faz-se necessário descrever como estes mecanismos em nós são mobilizados. Sabemos que o desejo, segundo Durant (1996, p. 295), baseando-se no filósofo Schopenhauer, é uma forma involuntária de nosso inconsciente que nos move para chegar a um objetivo/objeto ansiado, dada a “uma força vital esforçada persistente, uma atividade espontânea, uma vontade de desejo imperioso”.

Assim, podemos ver tanto n’*As Cartas*, quanto em *Memorial do Convento*, o estado de controle masculino evidenciado pelos objetos de subterfúgios mantidos em

ambas as narrativas. Por exemplo, identificamos formas de subterfúgios nas personagens Mariana e Dona Maria por meio de pensamentos, sonhos ou ações que projetam levá-las a viver de forma diferente em relação ao estado em que se encontram e a que se submetem. Uma, no caso de Mariana, materializada pelas cartas enviadas à Bouton, almejando uma vida livre, fora do convento de Beja e outra, no caso de Dona Maria, por meio de sonhos e digressões de viver outra história. Note-se o seguinte esquema representativo:



Vejamus um recorte das *Cartas* de Mariana Alcoforado que denotam esta ideia:

Cessa, pobre Mariana, cessa de te mortificar em vão, e de procurar um amante que não voltarás a ver, que atravessou mares para te fugir, que está em França rodeado de prazeres, que não pensa um só instante nas tuas mágoas, que dispensa todo este arrebatamento e nem sequer sabe agradecer-to. (ALCOFORADO, s.d., p. 10)

Observamos neste fragmento uma demonstração da transgressão das ações de submissão de Soror Mariana Alcoforado como um reflexo da realidade de que o amado a abandonou indo para a França.

À semelhança disso, resgatando o excerto anterior de *Memorial do Convento* nos sonhos de Dona Ana, vemos o rei e a rainha se permitirem “cometer relações extraconjugais”. Identifica-se nisso, mesmo sendo um sonho, mais um ato contraditório, tanto da relação que se esperaria de um casamento, quanto das posturas do par dicotômico: ‘submissão’ e ‘opressão’, reflexo das representações morais da sociedade,

que supõem o aprisionamento do outro.

Conclusão

Comparando as situações de aprisionamento de Mariana e de Dona Maria Ana, personagens, respectivamente, das *Cartas Portuguesas*, de Soror Mariana Alcoforado, e do romance *Memorial do Convento*, de José Saramago, entendemos que os aspectos simbólicos mobilizados na construção literária do espaço dos Conventos de Beja e de Mafra, nas obras, bem como a representação dos dogmas prezados pela sociedade das respectivas épocas contribuíram para levar as duas personagens femininas nas obras a uma condição de submissão diante das figuras masculinas de Noel Bouton de Chamilly e Dom João V.

Nesse sentido, procuramos demonstrar como, metafórica e diretamente, no caso do *Memorial do Convento*, de José Saramago, essa condição da mulher está relacionada às condições de desigualdade da sociedade portuguesa do século XVIII, que pode ser explicada pela perniciosa relação de interesses envolvendo a Igreja e a Nobreza, relação que, sugerimos, é simbolizada na obra pela construção do Convento de Mafra. O caráter moderno e realista de denúncia, portanto, do romance, por isso mesmo, confere uma importância destacada à voz e aos desejos dos oprimidos que, em vários aspectos, são representados pela figuração da opressão e submissão da mulher.

Já n'As *cartas de amor de uma freira portuguesa*, de Sórora Mariana Alcoforado, a condição da mulher vincula-se diretamente a ideologias sociais simbolizadas pela clausura do Convento de Beja, que aponta para a construção metafórica das vontades, das necessidades e dos desejos da mulher reprimidos, em todos os âmbitos da sociedade: família, religião, política, economia, relação amorosa e relações de gênero.

Nesse sentido, é evidente que essas narrativas podem representar um recorte de uma linha histórica de discussão da construção, do posicionamento e da constante luta à ressignificação da imagem da mulher enquanto pessoa livre perante as ideologias e grupos individualistas e tradicionalistas da sociedade, bem como ansiamos que também ocorra mais fervorosamente nos dias de hoje.

Referências

ALCOFORADO, S. M. *Cartas de amor de uma freira portuguesa*. Disponível em: <<https://www.luso-livros.net/wp-content/uploads/2013/02/Cartas-de-Amor-de-uma-Freira-Portuguesa.pdf>>. Acesso em: nov.2016.

DURANT, W. *A História da Filosofia*. Tradução de Luiz Carlos do Nascimento Silva. São Paulo: Nova Cultural, 1996. p. 285-327.

FLORES, C. Da nova história à metaficção historiográfica: a gênese de Blimunda. *Mneme - Revista de Humanidades*, Universidade Federal do Rio Grande do Norte - RN, v. 11 (28), 47-55, ago-dez, 2010.

MOISÉS, M. *A literatura portuguesa*. 37 ed., rev. e atual. São Paulo: Cultrix, 2013. p. 132-134. Primeira edição: 1960.

PRADO, P. F. do. As cartas portuguesas e a tradição do “amor infeliz” na literatura portuguesa de voz feminina. *Revista Línguas & Letras*, Paraná, v. 11, n. 21, p. 163-186, 2º Semestre de 2010.

SARAMAGO, J. *Memorial do Convento*. 38. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

THE APPRISING OF WOMEN: A COMPARISON BETWEEN “AS CARTAS DE AMOR DE UMA FREIRA PORTUGUESA” AND “MEMORIAL DO CONVENTO”

ABSTRACT

This article comes from the discussions and researches that took place from the discipline of Portuguese Literature VII of the course of licentiate in letters in the Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo – Campus São Paulo. Its intends to highlight the possible comparative link between Sórora Mariana Alcoforado and Dona Maria Ana Josefa in the prose “As cartas de amor de uma freira portuguesa” (hereafter Letters) and “Memorial do Convento” related to the restriction (submission) of female figures in a sign of favoring the oppressive relation expressed, on the one hand, by Bouton and D. João V, and on the other; society and the space where they live. For this, we get entangled in Prado (2010), Moisés (2013) and Durant (1996).

Keywords: *Imprisonment (submission). Opressor. Convents. Historiographicmetafiction.*